

RUY FABIANO

E-mail: ruy@cbdata.com.br

CORREIO BRAZILIENSE

José **Sarney, o pacificador** 16 JAN 1998

O senador José Sarney está sendo cogitado como alternativa para substituir o deputado Paes de Andrade na presidência nacional do PMDB, na convenção nacional do mês que vem.

A idéia, sugerida pelo deputado Paulo Lustosa (PMDB-CE) às lideranças governistas, que pretendem afastar Paes, evitaria um racha no partido, hoje dividido entre os que querem se aliar à reeleição de Fernando Henrique e os que querem (como Paes) candidatura própria.

O PMDB vive momento decisivo de sua história. Há mesmo quem ache que, após a convenção do próximo mês, que definirá sua estratégia na sucessão, a sigla, seja qual for o resultado, implodirá. Se a decisão, como parece provável, for a de aliar-se à candidatura de Fernando Henrique, o partido não comparecerá de corpo inteiro.

Parte expressiva, a começar pela seção paulista, comandada por Orestes Quércia, estará de fora. Desfigurado, o PMDB continuaria em posição subalterna

na base política do governo, a reboque de PFL e PSDB. Se der zebra e prevalecer a tese de ruptura com o governo, idem.

A ala chapa-branca, com forte presença dos governadores, não acompanhará os oposicionistas, que se integrarão à frente oposicionista. Nos termos em que o conflito está posto, há ralos espaços para negociação e poucos interlocutores capacitados a operá-los.

Um deles é o senador José Sarney que, enigmático quanto à sucessão — diz que é candidato longe dos microfones e silencia diante deles —, transita bem em ambas as facções. Lustosa, amigo pessoal de Paes, acredita que Sarney pode reduzir os danos do choque das duas facções peemedebistas, poupando o presidente do partido de uma violência política, qual seja a de ser defenestrado do cargo à força.

Supõe-se que, para Sarney, Paes passaria o cargo sem maiores protestos. Para o governo, a vantagem estaria em que, à frente do PMDB, Sarney teria mais di-

ficuldades em viabilizar eventual candidatura à Presidência da República. Mais: por força do cargo, não poderia mais manter-se afastado do convívio palaciano.

Sarney não foi consultado ainda a respeito do assunto. Como é óbvio, não vai se apresentar espontaneamente. Sua condição de ex-presidente da República é de amigo pessoal de Paes o impediriam. Sabe-se, porém, que não está indiferente à crise e que não se recusaria a dar sua contribuição para resolvê-la da melhor maneira possível.

Se nada for feito no sentido de reduzir a taxa de adrenalina em ambas as facções, a convenção do partido se transformará numa sala de espetáculos a serviço do senador Roberto Requião.

Coadjuvado pelo PT, planeja servir-se da ocasião para pôr em prática sua especialidade maior: formular denúncias contra o governo federal. Não fosse por outros motivos, basta esse para que o Palácio não fique indiferente à idéia de uma saída pacífica para a crise.

CORREIO BRAZILIENSE